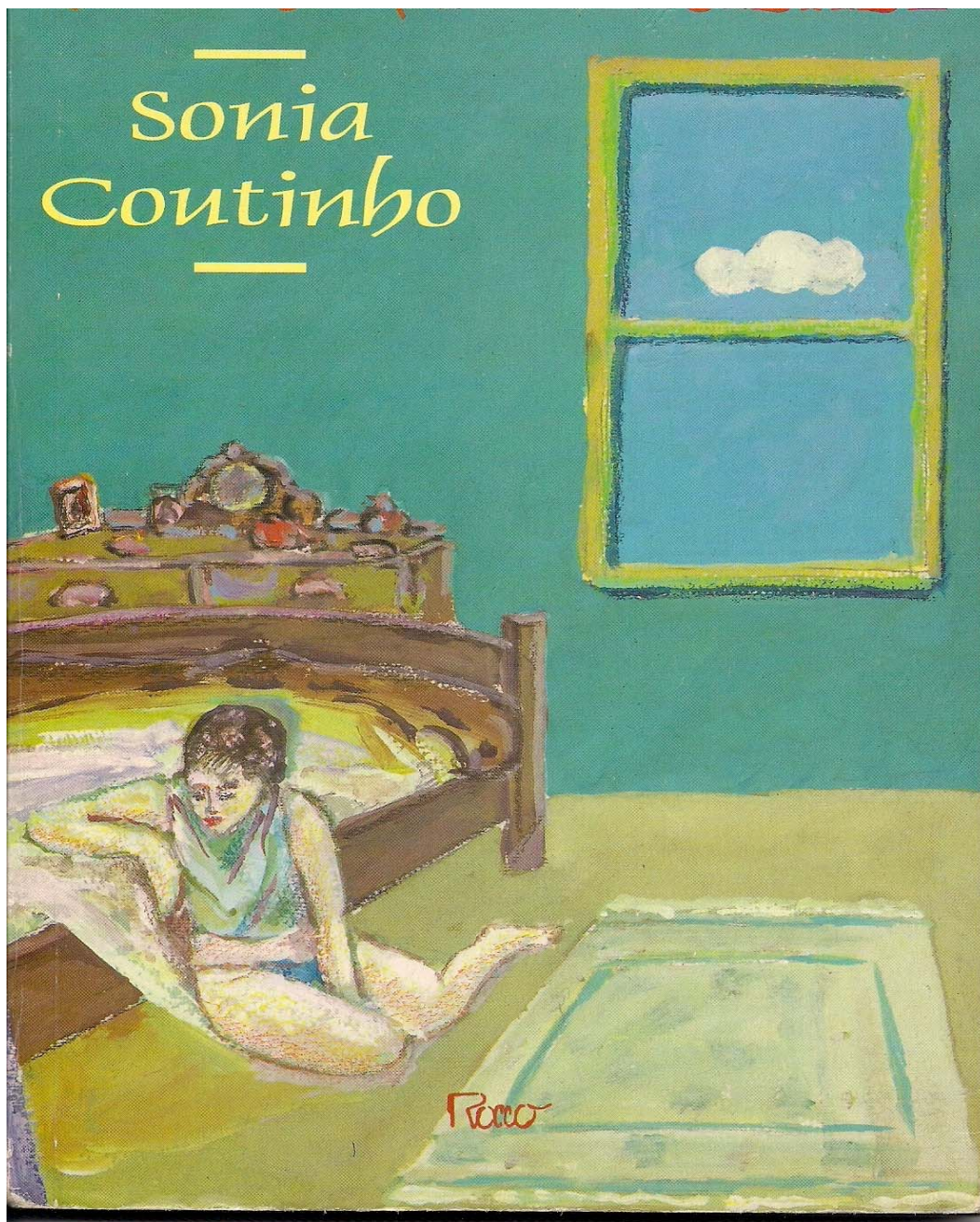
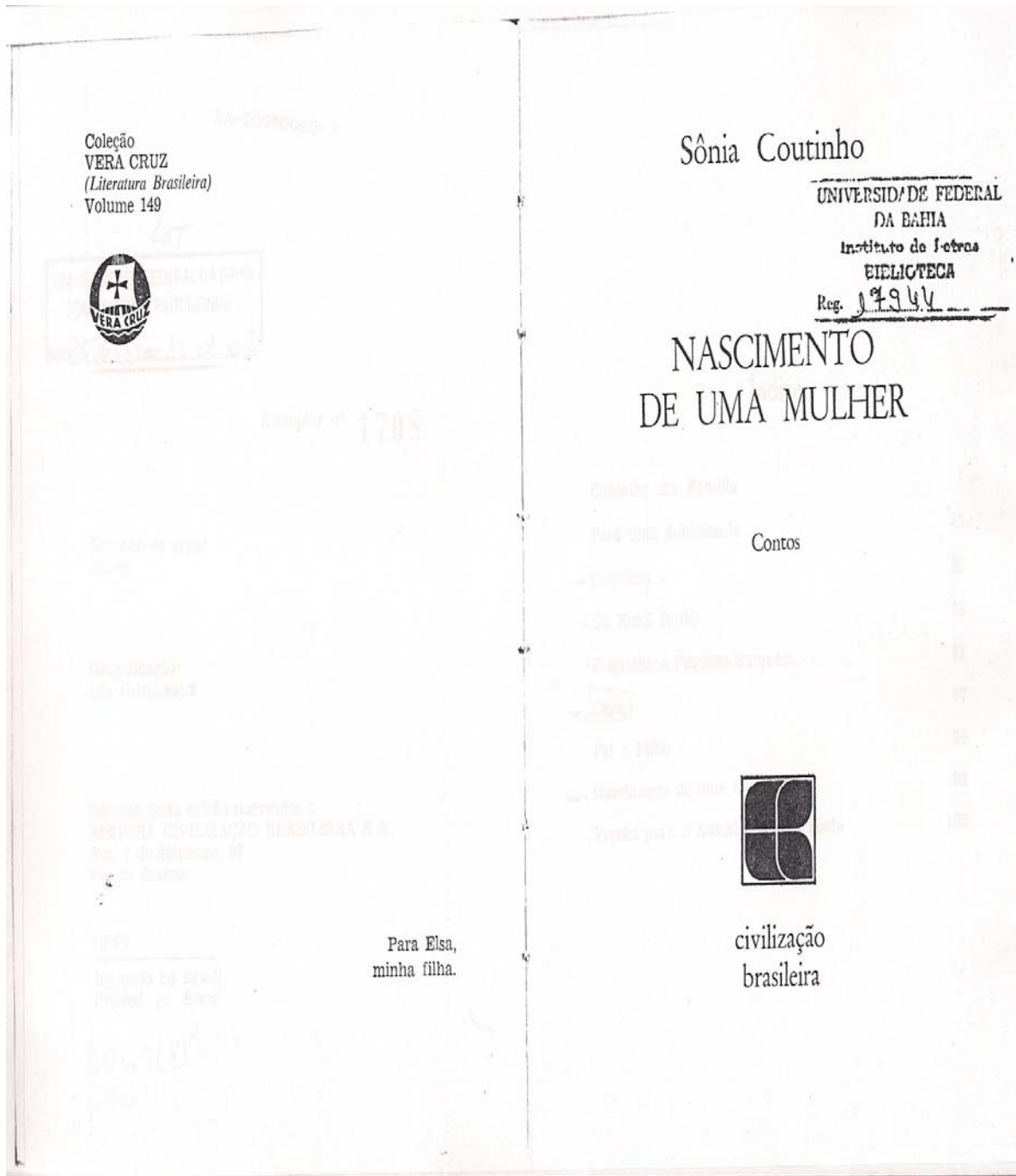


## **ANEXOS**

## ANEXO A – CAPA DO LIVRO DE SONIA COUTINHO



ANEXO B - CONTOS



Coleção  
 VERA CRUZ  
 (Literatura Brasileira)  
 Volume 149



Exemplar nº 1705

Sônia Coutinho

UNIVERSIDADE FEDERAL  
 DA BAHIA  
 Instituto de Letras  
 BIBLIOTECA  
 Reg. 9944

NASCIMENTO  
 DE UMA MULHER

Contos

Para uma Adolescente

De Mãe para Filho

Nascimento de uma Mulher para o Estado



civilização  
 brasileira

Para Elsa,  
 minha filha.



CANTAROLOU entredentes (pois no silêncio ela estava uma mulher a quem tantas coisas iam desprotegidamente acontecendo!), cantarolou, batendo os indicadores estendidos no braço da poltrona coberta com capa grossa: para não estragar, explicara à mãe, excedendo-se na tranqüilla sabedoria que estava aprendendo. Senão gasta logo a fazenda, explicou a mãe inesperadamente fantástica que achou dever ela usar por algum tempo ainda as cadeiras descobertas "porque fica mais bonito". Sôbre a poltrona coberta batia agora seus indicadores estendidos e os dobrava ao ritmo do canto — mas detrás ainda o SILÊNCIO! de repente tornando uma forma insuportavelmente excessiva de existir: mormaço entrando pela janela e deve ser mais ou menos onze e quinze daqui a pouco torno a olhar no relógio da cozinha não sei se está certo mas o meu é que não trabalha mesmo direito fica apenas estendido bonitinho com seus três brilhantes de cada lado do mostrador em cima do veludo azul do estôjo ganho de presente de casamento. Cantarolou de nôvo entre-

dentés — ali estava ela desamparadamente lançada no presente.

Saiu da poltrona e espiou as horas, na porta da cozinha: apenas onze e cinco ainda tem tempo de sobra antes de Pedrito chegar. Talvez, para matar o tempo, já possa ir escolhendo o vestido que vai usar, por exemplo, ou encher a banheira de água morna, seria uma boa idéia tomar um banho de banheira só para usar os sais de banho novinhos, desatar as fitinhas azuis que vedam as tampas de vidro será também uma pena, mas é preciso não exagerar, absolutamente não exagerar, lembrar que agora tinha atingido a "vida". (Para a qual uma mulher tinha sido desde o berço preparada.) AGORA É A VIDA. Mas, sobretudo, querendo aproveitar, melhor não se deter na estranha inteligência desse pensamento. Que gozado! Mas que grande gozado, tinha repetido várias vezes naquele dia indefinível da volta da lua-de-mel, há quatro meses, até que todo mundo começou a brincar com ela, imitando-a: gozado, hem, Marieta assim ela se dissimulava. Mas de tardinha, quando ficou sozinha com a mãe, o dia estava quase escurecendo e de repente tudo era pesado e difícil, tantos anos de "vida" para uma pessoa carregar! Enquanto eram os outros que observavam, ela poderia dizer disfarçada "que gozado", não fitando os olhos de ninguém, mas de repente, sozinha com a mãe, como era difícil! mesmo percebendo que a outra estava disposta, com todas as forças, a facilitar tudo. Tanto que também não olhou direito, apenas disse muito depressa "Marieta, minha filha, e parece que foi outro dia que você nasceu!", mudando logo de assunto — "agora, com calma, vamos arrumar sua casinha". E entrou numa dissertação sobre coisas úteis e inúteis dentre os presentes de casamento. Aquela seria a hora de uma mulher chorar, soube Marieta depois, e como teria chorado! Estava desamparadamente metida num destino de mulher. Mãe, eu quero ir lá pra nossa casa, teria gritado, eu quero ir pra casa mãe! Mas apenas virou a cabeça e olhou o dia escurecendo através da janela, ouvindo a mãe falar sobre presentes de casamento com uma voz

quase natural. E não lhe perguntou mesmo porque teria de ser assim e não de outra maneira. Apenas, quando as duas estavam prestes a esgotar o assunto, disse quase calma que tinha de ir embora, mãe, está quase na hora do jantar e tenho de ver como a empregada está arrumando as coisas; começou gentilmente a manipular o seu destino de mulher.

Posso encher devagar a banheira de água morna e escolher um daqueles sais novinhos em fôlha, tornou a pensar, cercada de silêncio e mormaço. Depois eu abro o armário e escolho um vestido — e dentro do banheiro, o vestido novinho esperando que saísse da água morna e perfumada: tudo seria a grandiosa e perfeita ordem das coisas acontecendo! Porque ficar assim parada muito tempo esperando geitava uma forma quase horrível de inteligência: o mundo perigoso e estranho das coisas observadas podia levantar-se ainda da espessa verdade que estava conquistando. Ser preciso usar alguns truques. Como talvez botar um disco na vitrola (que preguiça!); ou mesmo tomar banho. Mas Pedrito ainda vai passar às doze e meia! Mas éle vai passar ainda às doze e meia! (o silêncio.) Nem mesmo o barulho de cozinha (já que ia almoçar com a sogra, tinha dispensado a cozinha), nem mesmo o tranquilizador ruído de coisas fritando, a divertida possibilidade de reclamar com a empregada por todas aquelas coisas que no fundo achava bobagens, mas que reclamava porque "não seria correto se deixar explotar por essas típas".

Estou na minha casa, murmurou entredentes, era também um pouco assustador mas podia dar esplêndidos resultados, principalmente quando era dito a alguma ex-colega do curso pedagógico, aí sim! porque as amigas restabeleciam intacio e glorioso seu universo recém-conquistado. Estou na minha casa esperando meu marido, murmurou a propósito daquele engenheiro "ótimo rapaz" com quem dançara numa festa fazia um ano e meio, que lhe segurara a mão uma semana depois de se encontrarem, que um mês depois lhe beijara a boca, e agora a estava introduzindo em todas aquelas coisas necessárias e dissimuladas, às quais não conseguia dar

muita importância. Mas aos olhos das amigas recuperava a sua imagem de "mulher realizada". Sou uma mulher realizada, dissera para Tereza, a ex-melhor aluna da sala, que sorria amarelo de inveja, embora fosse sair dali fazendo milhares de restrições à arrumação da casa, à qualidade dos bibelôs e dos cristais, de todas aquelas coisas um pouco supérfluas que eram o patrimônio de uma mulher, que ninguém pensaria em não comprar porque absolutamente "não ficaria bem", uma vez que "embora não sejamos ricos, somos pessoas de alguma representação" — essa argumentação diante da qual o pai de Marieta tinha dado muito mais dinheiro do que esperava, ele, o comerciante de "certa representação", um pouco despeitado diante da minuciosa alegria de sua mulher. Era um mundo onde as pessoas faziam o que tinham de fazer, pensou Marieta, considerando novamente o assunto.

E ela que de tão longe tinha vindo, ela que nem sempre fora "uma mulher", oh, ela precisava aprender! Lentamente banira aquela infância absurda que fantásticamente teimava ainda em manifestar-se — ela que quase poderia intrigar-se com o fato de as pessoas terem dois olhos e um nariz. De tão longe vêm as mulheres para caírem de repente na redondez da simplicidade! Marieta sentia agora o peso de tantos segredos inúteis — um dia uma pessoa tinha oito anos de idade e ia à varanda dos fundos, de noite na varanda essa pessoa olhava o escuro e as estrelas brilhando só para uma pessoa, que então se dizia: eu sou Marieta, eu sou Marieta! essa misteriosa cumplicidade consigo mesma parecia agora como uma carga inútil de que era preciso despojar-se para viver nesse mundo simples e sério feito pelos outros. Livrar-se daquela cumplicidade não desprovida de segredos maiores — pois um dia quando uma pessoa tinha doze anos essa pessoa podia ter uma melhor amiga e as duas conversarem sobre coisas incríveis! Duvidara se seria preciso contar ao padre na confissão da Páscoa, ela que um dia combinou com a amiga que seriam atrizes.

Vou escrever uma carta, lembrou de repente. Preciso por minha correspondência em dia, justificou-se, séria. Agora que talvez muitas de suas conhecidas do Rio não soubessem que estava casada, agora que seria tão divertido inaugurar o papel côr-de-rosa ganho de presente, com suas iniciais impressas em dourado escuro, no alto à esquerda. Será que é mesmo correto assim no alto à esquerda, ou ficaria melhor no alto à direita? Tinha lido um volume grossíssimo de "Boas Maneiras" para aprender todos os detalhes necessários de etiqueta da casa — a ordem correta dos talheres e dos copos na mesa, quando se dobra ou não se dobra um cartão. De qualquer jeito ali estava o papel, ela datou: Salvador, 6 de outubro, ela escreveu com letra redonda, um pouco incerta — será que é mesmo seis? pois nunca olhava a folhinha e apenas sabia a data quando pegava os jornais que Pedrito deixava caídos ao lado do sofá — cuidadosa pegava e entregava à empregada, pensando imediatamente na frase que diria à mãe sobre seu novo aprendizado: mamãe, Pedrito deixa todo dia o jornal caído junto ao sofá e eu tenho de pegar e entregar à empregada! Segurava o jornal e dava uma olhada nos títulos grossos, falando de um mundo longínquo, um pouco ameaçador, esse mundo com que era preciso ter ritos e fórmulas para lidar: não pedissem demais dela, que sempre fora moça burrinha. Mas o que atrapalhava aquela mulher eram justamente os seus lampejos — o dia em que terrivelmente dissera: quando crescer eu vou ser atriz.

Ser uma atriz! Essa coisa de espantosa gratuidade. Porque uma mulher é feita com uma finalidade — mãe, eu não gosto de geometria, disse uma vez, e a mãe concordou inteiramente, comentou com o pai à mesa e com as amigas ao telefone que essa educação é muito errada, na verdade para que essa menina precisa aprender geometria? Assim descobriu que se por heroísmo estudasse geometria, se estudasse geometria por essa ex-tinta arte com que uma santa não peca, isto não faria que nenhum homem gostasse mais dela, e então, qual era a vantagem, perguntaria a mãe às amigas pelo te-

lefone. Qual era a vantagem. Depois casa e esquece tudo isso — esta era a diferença entre um indivíduo e uma mulher.

Querida Laura, começou a carta rosada com letra redonda. Querida Laura — e de repente tudo escapa. A vida de uma pessoa, que acontece agora. Se pudesse pegar os fatos como coisas e arrumá-los, dê-las fazer listas e refazê-las, talvez tivesse diante de si a sua vida como lhe era mostrada pelos outros, sólida e pura como uma pedra. Mas no silêncio de mormaço e espera era difícil a realidade de uma mulher. Eu me casei, Laura, penso desanimada, eu me casei. Mas um dia tinha sido ela aquela mulher que, de vestido de cetim mandado fazer em São Paulo, véu e grinalda, entrava pelo braço de um pai numa igreja? Tanta coisa aconteceu, refletiu, tudo tão depressa e imperceptível! E agora eu estou aqui, concluiu muito desapontada, entrando rapidamente numa lucidez perigosa, como perigosa loucura. A espessa sabedoria que estava aprendendo lhe escapava de repente — presentiu que se contornasse poderia ser completamente arrastada daquele mundo de bom senso onde as pessoas sacodem a cabeça dizendo a vida é assim. E eu agora tenho um marido, continuei tristíssima. Pedrito é o meu marido: como uma mulher estava de repente sozinha! Com um marido também não se fala nada, ela descobriu. E que é que teria para falar? Laura, um dia eu quis ser atriz, pensou com força desesperada. Mas aquela não era ainda a palavra. E, oh, de repente ela tivera uma vida onde coisas aconteciam! Talvez aquele dia em que tinha falado em Ideal, Amor (lembrou as conversas no colégio) — e nesse instante presente, com a caneta na mão diante do papel cor-de-rosa, quem sabe grandiosamente não pudesse nunca mais receber o mundo que lhe estava sendo ofertado, um mundo que já era entregue pronto às pessoas.

Ah, enquanto Pedrito não chega em casa eu não sossego, sabe? Converso Marieta mentalmente com a mãe. Sinto tanta falta dele, articulou, pensosamente se

salvando. E eis que as coisas começaram a reordenar-se — ela estava descobrindo a chave do reino dos céus.

Tudo de repente ficando tão simples — ah, sim, como a gente até certa idade complica as coisas sem necessidade, explicou a si mesma. Pois as palavras delimitavam inatamente o mundo — agora que estava sozinha era sua grande oportunidade de refazer tudo com incrível força e certeza, descobriu um pouco espantada: assim podem as pessoas construir a sua vida sólida como pedra. Na presença de Pedrito talvez fôsse ainda um pouco assustador estar em presença de um marido — mas depois que ele salsse poderia dizer, alegriíssima e tranqüilla — meu marido gosta de ovos quentes ao café — a verdade confortavelmente se restabeleceria. Como poderia declarar — mamãe, panelas de cobre são as únicas que servem para cozinhar este tipo de comida! Essa seria uma convivência com a mãe que lhe daria inteira a nova dignidade de seu estado — pois a sua era uma verdade de mulher, e as mulheres contentes e redondas se acumpliciavam em sua fraqueza: eis o que poderia ser sua morna voluptua de mulher que um dia teria filhos. E um dia os filhos fariam aniversário — as pessoas, em torno do bólo e das velas, vestidas de nôvo se reuniriam; o tempo passou, diriam as pessoas bôbas e espantadas — como seus meninos cresceram, comentariam as pessoas mastigando empadinhas, as sábias pessoas inteiramente possuídas por aquela vasta verdade coletiva que não ensina que nós vamos morrer, as pessoas que nunca mais perguntariam por que assim e não de outra maneira; e muitas coisas ela iria delicadamente aprendendo a possuir: uma casa maior, um carro teria um dia aquela mulher que de comêço ganhara cristais, ela esqueceria que oscilara perigosamente sobre a face do abismo, tornada finalmente pequena e um pouco gorda como convêm a uma mulher. Todas as respostas já vêm prontas, se apenas a pessoa souber deixar-se flutuar — como uma criança aprendendo a nadar de repente se familiariza com a água e deixa o corpo relaxar, finalmente ela estava tão burrinha e tão mulher — isso era sem dúvida a felicidade.







Por que não abris as janelas, com esse calor? De  
 mais, a temperatura aqui é muito agradável. O ar  
 é fresco e agradável. Não se trata de um calor  
 insuportável. É apenas um calor agradável. Não  
 se trata de um calor insuportável. É apenas um  
 calor agradável. Não se trata de um calor insuportável.  
 É apenas um calor agradável.

Com a vida e com a morte, não se trata de um  
 calor agradável. É apenas um calor agradável. Não  
 se trata de um calor insuportável. É apenas um  
 calor agradável. Não se trata de um calor insuportável.  
 É apenas um calor agradável.

**C**omo uma descarga elétrica — na perna tor-  
 nada em coisa, o músculo de repente saltava.  
 Me traz meio copo d'água que eu quero to-  
 mar meu calmané.

Da porta da sala de almôço (nunca estava com fo-  
 me, mas comia sempre cedo para ir ao trabalho), gri-  
 tou: por que deixavam as janelas fechadas com aquê  
 calor, aquê calor, aquê calor. Tão moca-solteira-em-  
 idade-de-casar, assim no seu grito estava aquela cria-  
 tura suada, sob o olhar desnudante da cozinheira insul-  
 tada: as janelas estão quase todas abertas, D. Clorinda.

O verão da cidade era o vento quente trazendo  
 presságio de coisa destruidora — epidemia de doença  
 maligna ou uma agitação social que se faria em san-  
 gue na quentura da poeira vermelha — cidade com  
 ruas tão cheias de negros paupérrimos debaixo do sol,  
 jornais anunciando crises e os lamentos que ela ouvia  
 da cama enquanto olhava deitada os músculos sozi-  
 nhos contraindo-se na perna: de manhã à noite era a

em de não estávamos bem a esprechada e aterrori-  
 zada de guerra civil da cidade que falava. O ar  
 era fresco e agradável. Não se trata de um calor  
 insuportável. É apenas um calor agradável. Não  
 se trata de um calor insuportável. É apenas um  
 calor agradável. Não se trata de um calor insuportável.  
 É apenas um calor agradável.

Com a vida e com a morte, não se trata de um  
 calor agradável. É apenas um calor agradável. Não  
 se trata de um calor insuportável. É apenas um  
 calor agradável. Não se trata de um calor insuportável.  
 É apenas um calor agradável.

**C**omo uma descarga elétrica — na perna tor-  
 nada em coisa, o músculo de repente saltava.  
 Me traz meio copo d'água que eu quero to-  
 mar meu calmané.

Da porta da sala de almôço (nunca estava com fo-  
 me, mas comia sempre cedo para ir ao trabalho), gri-  
 tou: por que deixavam as janelas fechadas com aquê  
 calor, aquê calor, aquê calor. Tão moca-solteira-em-  
 idade-de-casar, assim no seu grito estava aquela cria-  
 tura suada, sob o olhar desnudante da cozinheira insul-  
 tada: as janelas estão quase todas abertas, D. Clorinda.

O verão da cidade era o vento quente trazendo  
 presságio de coisa destruidora — epidemia de doença  
 maligna ou uma agitação social que se faria em san-  
 gue na quentura da poeira vermelha — cidade com  
 ruas tão cheias de negros paupérrimos debaixo do sol,  
 jornais anunciando crises e os lamentos que ela ouvia  
 da cama enquanto olhava deitada os músculos sozi-  
 nhos contraindo-se na perna: de manhã à noite era a

voz da mãe desabafando com a cozinheira o aborrecimento da procura inútil da comida que faltava. O velho devorava os vegetais e as carnes, transformava-os em poeira vermelha.

Estirada na cama, Clorinda imaginava uma imensa planície coberta de palha amarela, que o vento ardente consumia. (Por mais que escancarassem as janelas, de alguma maneira elas estariam sempre fechadas.)

De noite, sem conseguir dormir, contava carneirinhos e rezava inutilmente todas as orações que sabia: durante as horas que passava acordada, o músculo saltando sozinho na perna. Amanhecia com indigestão, o corpo recusando-se a funcionar. Não se preocupou, é o calor, Clorinda. Com a água barrenta do tempo de seca tomava um banho frio antes de se pintar para ir à repartição — enquanto botava o batom via as gotinhas de suor crescendo em torno da boca cercada de buço. Se a temperatura não baixava, eu acabo maluca.

— Clorinda, veio um moço muito simpático morar aí na casa do fundo.

— Pelo amor de Deus, me deixe, mamãe. (Fazia muito tempo que não chorava mais, agora apenas esperava que a corda do violino partisse.)

Nenhum homem podendo sustentar mulher e filhos queria casar com moça pobre e de buço. Clorinda tomava todos os dias o ônibus cheio para ir à repartição, ninguém lhe cedia o lugar. Ouvia o grito diário do cobrador — "Praça da Sé, vai vazio" — empurrada de todos os lados, levantando a grande sacola de vime para não machucar o passageiro do banco da frente: cerrava os dentes com medo de desmaiar de sufocação. A porta do fundo abria e fechava com um chiado e um estrépio, a luz do sol no ápice refletia-se das fachadas brancas das casas nos olhos vidrados dos passageiros disputando seu tróco: Clorinda pensava que desmaitaria, sem poder respirar.

Por que não abrem as janelas, com esse calor? De noite mantinha todas as janelas do quarto escancaradas e as luzes acesas até de manhã — tinha medo do escuro e dos ladrões. Os mosquitos entravam aos bandos pelas janelas abertas e comiam lentamente o corpo de Clorinda — para conseguir dormir ela balbuciava inutilmente as rezas que aprendera antes de ler.

Com vinte e seis anos, como são poucas as coisas que pode uma "moça de família", fazer na Cidade do Salvador. (Há muito tempo alguém tinha firmado um injusto contrato — uma pessoa nascia para descobrir-se prisioneira da Lei que não ajudou a fazer?)

Ela estava tão um corpo gratuito, todas as amigas casadas e a ausência de companhia até para ir à matiné de sábado à tarde. Por que não vai à praia, menina? Não tenho com quem, minha mãe.

Tantos domingos de olhar distraído aos rapazes que passavam nas lotações em trajes feridos (será que aquele é formado, será que tem bom emprego para sustentar uma mulher?), tantas esperanças lançadas em dois bancários, um dono de posto de gasolina, outros três ou quatro de profissões desconhecidas (discretamente oferecendo-se da janela, perseguindo o único destino que lhe podia estar reservado, ela não aprendera outra coisa senão na passividade esperá-lo), e de repente a uma moça solteira cujos parentes se esforçavam por casar, nada mais restava que passar o domingo de tarde espionando os músculos que sózinhos se contraíam na perna.

(OH, CIDADE, COM TEUS MENDIGOS E TUAS DEBUTANTES, ESTA ENTRE TUAS SAGRADAS INSTITUIÇÕES: EIS UMA MOÇA DE FAMÍLIA! TU QUE PROTEGES APENAS AOS TEUS FILHOS MAIS QUERIDOS, CIDADE: OS CHATOS E OS POLÍTICOS QUE COMEÇAM SEUS DISCURSOS INVOCANDO A AJUDA DE DEUS NOSSO SENHOR.)

Alguém tinha firmado um contrato de cuja feitura Clorinda não participara: olhando-se no espelho, afinal ela não era tão feia que de graça ninguém a quisesse. Mas uma moça casadoura tinha um preço tão caro que a um homem era preciso coragem para atrever-se a pagar.

Estirado em cima da cama, distorcida nêle a natureza, um corpo era uma coisa inimiga, dotado de partes. (Era Deus o legislador que mantinha nas moças o sêlo?) Uma coisa viscosa com necessidades, ela se sentia inimiga daquela carne gratuita estirada na cama.

— Clorinda, não acho errado que você se enfeite, todas fazem assim, mas minha filha, você está se pintando demais!

— Mãe, se não passar êsse calor eu vou acabar MA-LU-CA!

De noite, tentando dormir, pensava que devia estar com alguma horrível doença: de longe vinha aquela tristeza tão grande e amarga e assustada, ela seguramente estaria com um câncer, com lepra. O coração batia muito depressa, quem sabe se não sorria do coração? Contava as batidas na veia do pulso, as luzes acesas com medo dos ladrões e do escuro. (Uma noite pensou — se eu tivesse coragem me entregava a um tipo, e pronto: nessa noite, mergulhada em culpa, sonhou que no meio de um incêndio estava assassinando a própria mãe.)

Os mosquitos comiam o corpo de Clorinda, entravam pelas janelas junto com o calor que devorava a cidade trancada na redoma: ela contava as pulsações do coração muito rápido, com medo de não poder respirar.

O vento era quente demais sobre a cidade sitiada: esta semana eu li no jornal que vai faltar a carne; esta semana eu li no jornal que vai faltar o pão; esta semana eu li no jornal que vai faltar farinha: do quarto ouvia os gritos da mãe, desabatando com a cozinheira.

Muitos negros paupérrimos e desempregados rodavam famintos pelas ruas, agrupavam-se às portas dos açougues onde quartos rubros de boi recendiam a sangue apodrecido e as mósas voavam sobre os peixes vendidos nos passeios. Clorinda passava em náusea entre a miséria degradante dos negros. Se um dia eu caísse e minha sala levantasse, e eles vissem: ela estremecia na excitação de um médico arrepiante, tinha a impressão de que estava com febre, sob o vento de calor e poeira.

Nos olhos das pessoas boiava a surda consciência do vasto erro — imprecisamente todos se sabiam vivendo de uma situação absurda. Ouvia calada as conversas na repartição: só uma revolução, pra mudar tudo isso, diziam confusamente os que, como ela, ganhavam doze contos por mês. Através da janela vidrada da sala onde datilografava, via o céu azul estorricado, sem uma fenda.

O calor descosia as chagas dos mendigos que se arrastavam famintos pelas ruas: no ano de 1962 era o verão prosseguido como um sópro de bicho sobre a cidade tocada de presságio — em sangue sujo e poeira ela sabia que alguma coisa de repente explodiria.

Naquela noite as luzes se apagaram e Clorinda permanecia acordada — não podia ficar parada e não tinha para onde ir: com o corpo retorcido do grito que não queria dar, arregalou os olhos e viu nitidamente sua torta realidade — lá estava a gigantesca planície coberta de estranha palha amarela, o vento vinha e consumia a palha com um fogo sem chamas, um horrível fogo escuro ardendo sem chamas.



O último retoque foi contornar os lábios com o pincel de batom — inteiramente maquiada mais ainda nua, os lisos cabelos escuros caindo sobre as costas, vê-se de corpo inteiro no espelho. Magra e morena, os quadris de rapazinho e as pernas ligeiramente arqueadas, acima dos ombros um pouco largos demais está o rosto jovem, tão bonito e estranho.

A empregada deixou a roupa em um cabide pendurado no porta-toalhas — aqui estão as meias, a roupa interna (vai vestindo), o lindo vestido novo com sua estamparia de imensas flores retorcidas, em negro, púrpura e vermelho como a pedra enorme deste anel que apanha sobre a penteadeira de mármore e coloca no dedo médio.

Depois que acabou de calçar os sapatos, de pé diante do espelho comprido — sua beleza é de mulher ruim? Os olhos amendoados sobre pómulos salientes, seus braços (que as mangas largas do vestido deixam entrever)

são cobertos de fios lisos e negros, os mesmos que secretamente lhe nascem entre os seios. Antes de apagar a luz para descer, áspere é a acidez de sua beleza no espelho, a madrastra de Branca de Neve.

A empregada deve estar tomando banho — e a espaçosa cozinha, com seu piso de mármore estriado que hoje à tarde o faxineiro encerrou, está vazia. Dentro do incrível silêncio da casa! Que repercutiu de repente em seus rins, como advertência de perigo iminente. Um lóbo emboscado na floresta onde nos perdemos sózinhos? A casa está enorme demais em seu silêncio.

Da janela da sala, nenhum dos automóveis que espreita é o de seu marido, que saiu para comprar os refrigerantes. É imensa, solene, a sala repousa à luz do lampião antigo, em deserta macieza na penumbra. Do vermelho veludo lavado, no sofá e nas duas poltronas, às pétalas das rubras tosas que colocou no jarro de louça antiga. Como se no alto sótão ardesse o incenso! (O silêncio é inaudível acorde do violino com cordas tensas demais.)

FOI QUANDO A CAMPAINHA TOCOU.

— Está tudo lindo, lindo!

Aberta a porta, enquanto sua mãe vai inesperadamente entrando — eis que o momento começa a assumir uma espécie de, ahn, "importância especial"? Contemplando a filha única na sala recém-decorada da casa que, com um jantar para casais amigos, esta noite ela inaugurará — quem vai entregar as medalhas ao mérito? Pois como se entrasse no exato instante em que pode vislumbrar o coroamento de uma missão — parada no meio da sala, a mãe espiá esta obra que no fundo é sua.

Durante meses a incentivara — acho que não vou comprar nenhum vestido novo, minha mãe, faz muito bem, minha filha, não viajaremos nas férias, minha mãe, vale a pena, minha filha, as duas concordavam que aquele ano o marido não deveria trocar seu carro por um modelo último tipo. Sem dúvida, a casa que acabaram

comprando era melhor que a de qualquer uma das filhas das amigas da mãe. E no dia em que a escritura foi assinada, ambas sentiram que o marido (a mãe desde o início animara o namôro, por ser êle de tão boa família, um rapaz tão bem educado, engenheiro de tanto futuro) — ambas sentiram que o marido estava plenamente preenchendo o-que-dê-se-poderia-esperar.

— Fui fazer umas compras na cidade, quando terminei aproveitei para dar uma passada aqui e ver como iam os preparativos, disse a mãe, fazendo tilintarem as chaves do carro, já não tão bonita como há uns dois anos, quando suas fotos apareciam de vez em quando nas colunas dos jornais (a filha desvia os olhos depressa do rosto que começa definitivamente a desabar, com súbita vontade de chorar).

Na verdade, a mãe esforçara-se tantos anos! (Assim comentava freqüentemente com as amigas, na presença da filha.) O pai sempre ausente, no ar a insinuação permanente de que "tinha outra mulher na rua" — a vida só me deu mesmo esta filha, para me recompensar Deus me concedeu esta filha, que tudo que faz é para me causar orgulho.

De pé agora nesta sala, está com a cabeça muito levantada, como quando saíam as duas juntas antigamente para fazer compras, a filha ainda solteira. As pessoas na rua viravam a cabeça para olhar, duas mulheres tão bonitas! Elas nunca entrariam numa loja que os balconistas não largassem tudo para ir imediatamente atendê-las, levanta a mãe agora bem alto a cabeça. E nem tanto pela riqueza, afinal nem tão ricas são — mas pelo toque de ordem que à primeira vista qualquer um pode constatar na aparência de ambas, o que a mãe soubera em tudo imprimir: elas sempre foram, e sempre serão, pessoas que fazem exatamente o que se deve fazer.

— Não quer ir dar uma olhada na comida?

— Só se for muito depressa, seu pai deve estar me esperando há muito tempo para jantar.



E — “quando vierem os filhos, tudo estará perfeito”, declarou judiciosa a mãe incrivelmente alegre quando se despediu, estabelecendo a direttriz da próxima missão.

Mas — alguns instantes depois — sentada no sofá, o enorme vazio da sala engolindo-a, percebe de repente que não vai divertir-se nem um pouco durante o jantar. Estará agressiva como de costume contra todos que a rodeiam, horrivelmente ferina, os olhos brilhantes com a estranha inveja que não consegue ocultar. A vive tão despreocupadamente em seu apartamento pequeno, tudo desarrumado, o marido perdendo todos os empregos que consegue — mas os dois parecem estar sempre se divertindo tanto! B está tão feliz no seu papel de mãe! (Lembrando agora a frase de despedida da sua mãe — como a idéia de que agora deverá ter filhos causa-lhe simplesmente horror!) Sente cruamente como sua desculpa é esfarrapada, o jantar de inauguração cujos detalhes tão cuidadosamente planejou para mostrar-lhes que — afinal, ninguém tem uma casa tão bonita como a sua.

O que lhe repetiram todos os convidados no decorrer do jantar. (Quando não pôde ocultar completamente a que ponto estava nervosa, dura e esticada e cheia de arestas, como um arame farpado — dentre todos os elogios à casa nova, ouviu apenas a frase de alguém que dizia ser pena “estar situada em uma ladeira tão ingrata”). A comida estava mesmo deliciosa, repetiram também os convidados, comentando ainda a esplêndida acústica da linda sala onde se sentaram a ouvir discos na radiola estereofônica, depois do jantar. Mas a verdade é que, por este ou aquele motivo, nenhum dos casais quis demorar-se um pouco mais.

Lá fora a noite já avançada crescera de forma assustadora, inchada penetra agora por todas as frinchas da enorme casa de luzes apagadas — densa e escura como um óleo de bruxa. Fumando na poltrona do quarto, você vê seu marido que sai satisfeíssimo do banheiro contíguo com a pijama já mudada, lançando-lhe de pas-

sagem um olhar agradecido pelo magnífico jantar (éle jamais se detém a analisar “pequenos detalhes”, “sutilezas sem importância”, que possam incomodá-lo, desde que o panorama geral de sua luta pelo completo-orbitamento-dentro-da-comunidade esteja marchando orgânico-ganizado). Quando deita a cabeça no travesseiro começa quase imediatamente a dormir, relaxando sobre a cama o corpo volumoso que engordou tanto nesses dois anos de casado.

Você: caminha para o banheiro, tira a roupa toda sem cuidado nenhum, apanha uma das duas toalhas penduradas, estende-a no chão de mármore muito polido, deita-se de costas sobre ela, apóia a cabeça na parede, flexiona as pernas entreabertas e (enquanto ouve através da porta fechada o seu marido que começa a roncar incrivelmente alto, como sempre que come ou bebe demais) começa novamente a pensar no menino.

Da janela da sala você o espia todos os dias no jardim da casa vizinha, onde mora. Deve ter uns treze ou catorze anos, da janela você o espreita de volta da praia, brincando no jardim: sua carne dourada de músculos suaves apenas começando a delinear-se, seus lábios vermelhos, o branco calção de esponja molhada desenhando todos os contornos de seu pequeno sexo, que a luz oblíqua do sol incandescente pelo ardente verão da cidade transforma em um alto relêvo. Ah, seguramente éle nunca esteve com mulher nenhuma!

Vaso selado onde ardem pesados perfumes, anémico, molusco, os peixes cegos nadando no fundo negro do mar, pântano escondido com venenosas flores escuras — lenta, ritmadamente, Orquídea começa a acariar-se outra vez.

---

**SONIA COUTINHO**

**UMA CERTA FELICIDADE**

*Juliana  
2009  
pro.*

**Rocco**

Rio de Janeiro — 1994

---

## Darling, ou do amor em Copacabana

Pois é domingo e de maio, assim nos encontramos na praia, onde cheguei às 11 e meia, como todas as manhãs, altaneira/equilibrada no topo dessas sandálias de bico recortado, mostrando as unhas dos pés que conservo impecavelmente vermelho-cintilante, *sexy* à beça, e cujos grossos tacões disfarçam o volume nos últimos tempos um tanto excessivo de meus quadris e coxas (estou esperando o resultado das massagens eletrônicas semanais — 50 cruzeiros a sessão, como custa caro a passagem dos 30), /

Então tirei a saída-*short* amarelo-gema e exhibi, com orgulho, o biquíni novo da mesma cor e minha cintura perfeita, fazendo inveja a qualquer menininha nas imediações, como essas duas estiradas de barriga para baixo, bronzeadas-quase-negras-brilhando-sob-o-sol, ao lado do sujeito louro desbotado seguramente estrangeiro lendo seu *pocket-book*,

Aí desdobrei a esteirinha, sentei, deixei o vento acariciar os meus cabelos Blond-Roux nº 5, destampeei o óleo de bronzear e enquanto, ó penetrante aroma, este cheiro de felicidade, começo a espalhá-lo pelo corpo, vejo aproximar-se sorridente, evitando com elástica agilidade os dois cachorros que espirram areia para todos os lados, em interminável persegui-

ção mútua, este rapaz de uns 20 e poucos anos (ô tórax musculoso moreno) (que dentes brancos certinhos) (cabelo lindo comprido) (e olhos esverdeados):

Tem fogo?

Eu tenho, *darling*, portanto você se senta ao meu lado e conta o quanto precisa de alguém simplesmente para passar a mão em sua cabeça, naqueles dias em que a gente telefona, telefona e não há ninguém do outro lado do fio, só chove sem parar! Você até chora e se sente muito criança, mas com uma ânsia de *viver vida adulta e independente*, apontando como principal obstáculo para isso o pai-médico-do-interior-que-manda-a-mesada-todo-mês enquanto você termina o curso de Direito, mas não compreende sua irresistível vocação para ator de teatro! ó mundo injusto e quadrado! por isso me expõe várias teorias sobre o meio mais rápido de derrubar o Estabelecimento, frisando só acreditar em bang-bang e nada de burocracia,

O tempo todo nos acariciamos com os olhos, nos crucificamos ao sol, nos entregamos ao mar e, com isso, saímos coroados de espumas,

Inevitável eu convidá-lo a tomar um uísque comigo nesta minha *kitchenette* do Posto Três na qual agora nos encontramos, você com o Roupão de Seda vermelha que lhe dei para substituir o calção molhado, eu com a *Túnica Indiana* em Cima da Pele,

Diante disso abaixo a persiana, a fim de não nos incomodarem os olhares/lunetas/telescópios & periscópios através das mil janelas vistas de minha janela em Copacabana,

E, na penumbra, em meio ao tilintar do gelo em nossos copos qual sininhos das renas de Papai Noel, ouvimos os discos que pus na radiola: Gal Costa cantando *Pérola Negra? El Dia en que me Quieras*, na

voz de Maria Bethânia? outros, vários tangos gravados pelo próprio Carlos Gardel?

Vou ficando cada vez mais sentimental, é quando lhe conto o meu passado barroco/feérico/verdadeiro & mentiroso: viúva de um campeão internacional de automobilismo, *protégé* de um diplomata grego aposentado, atriz de teatro e cantora de ópera, amante de um japonês, de um turco e um homossexual riquíssimo, que me presenteou um rubi indiano, antes de fugir para Hong-Kong com um trapezista louro, viajei por Europa e África, onde observei, numa verde/sumarenta planície marroquina ao entardecer, dromedários e flamingos cor-de-rosa correndo/voando,

Mas já que a vida é cheia de altos e baixos, acabei datilógrafa em escritório, bati bolsinha na Lapa, agora me encontro ganhando a vida como representante/vendedora de produtos de beleza,

Meus olhos ficam cheios de lágrimas, sofro demais, *darling*, morro de medo de escuridão e de elevador, carrego o não ter tido filhos como uma ferida secreta, acordo de noite, de repente, com uma insupportável saudade da babá que me criou quando eu era criança, o dia de meu aniversário eu não revelo jamais a ninguém, *I'm too lonely, darling*, e você, tão jovem, o que entende de solidão?

Portanto o *darling* me beija e me acaricia, jurando um amor eterno: ficaremos-juntos-a-vida-inteira-não-importa-a-diferença-de-idade- pois-meu-tio-casou-com-mulher-20-anos-mais-velha-e-os-dois-viveram-felizes-para-sempre,

Assim tiramos a roupa e nos olhamos cheios de ternura e morremos de rir, mas só por uns instantes porque agora nos lançamos um nos braços do outro,

Em seguida você salienta nunca ter conhecido outra parecida comigo, apesar da vastidão de sua Vida

Erótica Progressa, a qual incluiu a estudante magri-  
nha/milionária com quem executava louco sexo  
acrobático, os dois subindo pelas paredes como ara-  
nhas, ou a garota médium, que fazia os objetos em  
torno levitarem e as maçanetas das portas moverem-  
se sozinhas, enquanto praticavam o amor,

Mais tarde comemos o frango que eu tinha na  
geladeira e me proponho a ler a sua sorte, visto o cafiã  
de brocado cor-de-vinho, enfeitado com ligas doura-  
das, e ponho o turbante oriental, fumando em minha  
longa e negra piteira lavrada atiro as medalhinhas do  
I Ching e disponho as cartas do Tarô:

Vejo uma loura perversa e uma morena bondosa,  
caminhos de ida e caminhos de volta, obstáculos  
causados pela inveja, um protetor importante e uma  
viagem malsucedida, perigo de perturbação mental e  
crises alucinatórias,

Aí você entra na fossa e eu me troco para sairmos,  
visto a calça de veludo brilhante e a bata bordada com  
espelinhos redondos, calço o sapato de sola dupla e  
pulseirinha afivelada ao tornozelo como os da Car-  
men Miranda, dentro da bolsa franjada a tiracolo enfi-  
os indispensáveis amuletos, esses dois elefantinhos  
de madeira e marfim que o Amigo Guru trouxe da  
Índia e carregue sempre comigo,

Depois descemos à garagem do prédio e lhe  
exibo o Karman Ghia vermelho que herdei do Indus-  
trial Venezueliano e no qual seguimos para seu aparta-  
mento-alugado-pela-família-para-os-filhos-estuda-  
rem-no-Rio a fim de você trocar de roupa,

A noite caiu como se houvesse baixado o Ano  
Dois Mil, enquanto corriamos entre os postes do  
Aterro, o rádio a todo volume eu dirigia a 120 por hora  
com a ponta do dedo mínimo esquerdo, pois a outra  
mão estava te acariciando,

Você despiu sua gandola negra para desfraldá-la  
através da janela como bandeira ao vento e descobriu  
o medalhão com a estrela/mandala de sete pontas que  
usa pendurado no peito,

Meto o carro num desvio e descemos no Jardim  
Perto do Mar, onde improvisamos uma coreografia,  
você se afasta e volta correndo, me estiro sobre o  
gramado, a iluminação esverdeada e alta arroxeia  
o contorno de nossas faces e torna o cenário imaterial  
e luxuoso como um interior de Toulouse Lautrec,

Mas como tanta felicidade não pode durar senão  
alguns instantes, agora partimos para a Comemoração  
de Aniversário do Diretor de Teatro, em cujo aparta-  
mento cheio de mulheres de *shorts* curtíssimos e  
longas botas negras eu morro de ciúmes da Atriz  
Muito Loura,

Para me consolar você me apresenta ao Jovem  
Autor Teatral, que fala sobre seu grupo: 17-de-am-  
bos-os-sexos-muito-jovens-e-lindos-já-dormi-com-  
todos,

Sentamos em almofadas no chão e depois do  
quinto uísque você me pergunta se o amo, estou muito  
confusa, respondo que não sei, aí o *darling* começa a  
flertar com a Atrizinha Morena e acabo fazendo uma  
cena, ameaço ir embora sozinha mas você termina me  
seguindo, assim embarcamos no meu carro, qual nave  
muito bêbada em mar bravio.

Segunda-feira de manhã lhe telefono e lhe digo  
que não vá à Faculdade de jeito nenhum porque  
preciso de você exatamente neste minuto e sem ne-  
nhuma delonga, o *darling* chega de chuteiras feito  
garoto crescido a quem obriguei a faltar ao colégio, te  
abraço, te mordo, te digo que jamais desejei homem  
nenhum como desejei você,

Terça-feira você me leva de presente um vidrinho com castanhas ao licor marrasquino e um pequeno avião de chumbo pintado e juro que vou ter um filho com você,

Mas quarta-feira, só para mostrar que não está "amarrado", você revela que andou abraçado com a colega de turma e arranho seu braço,

Quinta-feira me vingo descrevendo o protetor muito rico e grisalho que vou arranjar brevemente e você me estapeia,

Sexta-feira grita para eu "tirar a máscara de pintura" e me faz pagar coisinhas para você,

Sábado alguém nos informa que seu pai vem aí furioso porque o filho-perdeu-o-gosto-pelos-estudos-e-anda-de-Amante-Mais-Velha-a-Tiracolo,

Domingo você desaparece e eu não lhe telefono.

Tempos mais tarde, versões contraditórias me fazem saber que você virou empresário de um conjunto de música pop, tornou-se líder de grupo terrorista ou casou com a Virgem Avançada, aquela que não entende nada de pílulas, "mas se você quiser eu vou ao médico amanhã, meu amor", e cujo pai oferece apartamento e automóvel ao feliz pretendente — eu nunca mais te verei, *darling*, mas como o fresco vento de maio desmancha as pegadas na areia da praia, depressa a passagem dos dias apaga a marca dos infortúnios do amor em Copacabana.

## Essas tardes de maio

Um dia, dirá:

Rapaz, que situação! Daquela vez, balancei. Uma vampira. Certa grandeza em tanto oferecimento de carne — me tome, me destrua. Ardor de viver? Mulher/chama? Assustava todo mundo, quem receberia tanto presente? A gente adivinhava um excesso qual-quer naquela mulher, ela sobrava e era demais. Maluca? Neurótica? Sabe uma dessas para as quais só importa mesmo a vida amorosa/erótica? Temperamental, possessiva, ciumenta, isso me deu um susto. Tive de fazer força para sair logo de baixo. Com certa dor no coração — necessitada, também, de proteção, é engraçado. Tinha uma espécie de infantilidade, como a Marilyn Monroe era infantil, aquele tipo de coisa. Fútil e desamparada. Procurei ser bem objetivo — vejo você é na cama, eu disse a ela, logo no começo.

(Quando chego perto de você, eu sinto um frio, mas é um frio gostoso. Nem que seja só uma vez, quero apertar você em meus braços.)

Final, não era mais criança, e passada por outras mãos. Eu não era louco de desarrumar minha vida. Mas ficou uma nostalgia, sabe como é?

Não, o Rodrigo jamais diria uma coisa assim, guardará de mim, em vez disso, uma imagem maravi-

---

## Amigas (I), ou a liberdade secreta

sentadas, nós duas, neste bar deserto em Copacabana, segunda-feira de tarde, espio o rosto de minha amiga, que o tempo só ligeiramente machucou (lá se foram cinco anos), enquanto ela explica como foi difícil convencer o marido a permitir sua vinda, sozinha, lá de nossa cidade, a fim de me ver: a preocupação dele com questões de reputação (algun conhecido pode te ver e falar mal, etc.), os dois filhos que teve de deixar na casa de sua mãe, a falta de hábito de se movimentar desacompanhada,

diante do que volto a manifestar, agradecida, a minha alegria (tinha pedido, em inúmeras cartas, para ela vir) — finalmente terei com quem falar, só consigo me comunicar de verdade com vocês de lá, o relacionamento entre as pessoas aqui tão frio e diferente,

mas responde que agiu, sobretudo, em seu próprio interesse, precisava fugir à rotina e à mediocridade da vidinha de lá, o marido preso na loja o tempo inteiro, seu dia-a-dia de dona-de-casa (lembro: Pai, Mãe, Irmã, vagas crianças — primos? sobrinhos? — ligando a televisão às seis da tarde, os ruídos da empregada na cozinha, alguém tocando a campainha para “ver como vão as coisas”, o não estar só...),

assim vamos falando com uma pressa talvez excessiva, a fim de evitar qualquer minuto de silêncio que possa acentuar o embaraço surgido desde o primeiro instante deste nosso reencontro, no saguão do enfeitado hotel onde está hospedada, e no qual me postei, à hora indicada pelo telegrama,

de repente contrafeita com a minha aparência, que percebi ser insólita para o local (não adianta pensar que me visto como me agrada e mandar mentalmente às favas porteiros e garçons) — esta túnica pintada por mim mesma fazendo mais o gênero “mendiga” do que propriamente “exótica”, como a amiga classificou (elogiando, também, meus numerosos colares de sementes vermelhas), ao chegar, toda doçura e gentileza, depois do que, atrás de *boy* e mala subimos ao seu quarto, para ela trocar de roupa e então descemos,

caminhando, por sugestão minha, até este bar de calçada (tive medo de que quisesse ir ao meu apartamento, onde o forro rasgado do sofá e outros detalhes igualmente pouco agradáveis resultariam, certamente, ofensivos para seu olhar acostumado com o conforto),

e aqui, entre um gole e outro do suco de laranja, procuro apagar, com desajeitadas palavras, todas as diferenças que esses anos de separação edificaram entre nós, invocando a tão antiga amizade, a qual agora meço, num fluir de recordações, através da remota promessa, por ambas feita, esta que andei procurando cumprir, embora não formulada (era sair por aí, em busca da verdade e do Absoluto?).

o Voto, para muitos incompreensível, engendrado no curso de longas conversas sobre liberdade, justiça ou o mistério do mundo (nós duas com já distantes 17 anos), quando examinávamos a existência ou não,

como coisa em si, da lagartixa passando no muro de frente, ou nossa estranheza diante de uma passadeira de tartaruga para cabelos, por exemplo, objeto inteiramente inexplicável face ao movimento dos astros, etc.,

o Voto de cujo não cumprimento ela procura, esta tarde, desculpar-se, ao dizer que morrerá sem se haver empenhado em algo realmente importante (os filhos não contam, têm vida própria, diferente da nossa), e realçar o valor de minha “fuga para a cidade grande”, na qual tudo tão mais variado e amplo,

é quando, um tanto irônico, meu olhar se dirige para esse longo perfil de praia, onde — solidamente ancorados dentro da tarde cinza — os prédios enfileirados expelem, com lírica lentidão, rolos de espiralada fumaça pelo cano das lixeiras: compacta, cafona, lindíssima como um anúncio gigante de Coca-Cola iluminado por refletores, à noite, Copacabana (à nossa imagem e semelhança projetamos as paisagens que nos cercam — as prisões estavam em nós?),

as palavras retidas na garganta (não entende não entendo?) (como começar do começo, esqueci?) (pedi que viesse, amiga, e no entanto?), protelo o momento das pressentidas revelações, entrego-me a um nostálgico rosário saudosista, ela falando dos conhecidos de nossa cidade, os bens que acumularam, os filhos que tiveram (Leocádio está ficando rico e acabou casando, sabia? embora tenha passado muito tempo abatido, depois de sua partida),

agora diz dos meus pais, que a escolheram emissária do pedido: querem notícias minhas com maior regularidade, ao que respondo, a voz idiotamente embargada (e ainda!) — não me amavam, ou, se amavam, não era a mim que amavam (ó eterna meni-



ninha feiosa/esquisitinha/magricela, a que nunca acreditou em Papai Noel, a que se masturbava escondida pelos cantos),

com isso temendo que a tarde em suplício acabe por se cumprir, decido-me pelo que de-mim-na-circunstância-se-poderia-esperar, o atendimento à súplia que leio nos olhos da antiga amiga: você deixou tanta coisa para trás, desprezou convenções, partiu sem nada explicar, só eu acreditei entender, tanto havíamos conversado, agora é preciso que me transmita o legado,

deste modo implora o saldo de meu duro aprendizado, mercadoria ou frutuosa colheita, um segredo que poderá "levar guardado no espírito", assim se redimindo dos mil gestos inúteis do cotidiano,

no entanto, tomada por pavor repentino, vejo a cilada que se armou, ou armei, para mim: ei-la erigida em Tribunal, amiga (e que poderei colocar no outro prato da balança, contra o peso de meu escuro quarto vazio, ou da descoberta, aqui feita, de que a tirania do mundo é pior que a dos pais?),

a prova excessiva me faz recuar, recorro a circunlóquios, esperando que as palavras a esmo terminem por me ensinar, elas próprias, o recado a ser dado, com esta intenção me refiro, como em preâmbulo, ao meu prazer em caminhar ao léu, horas e horas, pressentindo uma verdade anônima no rosto dos eventuais transeuntes, através da praia deserta ou de silenciosa aléia de jardim público, e lhe conto dos longos momentos em que, estirada na cama e concentrada, me parece chegar bem perto do coração do real,

de repente a pobreza do ensinamento me obriga a calar, mas, compreensiva, a amiga procura me dar tempo, atrai-me a uma intimidade esquecida: conta que perto de sua casa há uma loja de doces muito boa,

na qual se vendem bombas de chocolate com creme *chantilly*, às vezes passa por lá, de carro, e leva um grande pacote para casa, os filhos ficam ansiosamente esperando, aliás eles não gostam que saia sozinha nem por um instante, etc.,

seu olhar, apesar disso, continua a exigir generosidade, quer a colheita dos meus cinco anos, inútil que eu sem forças torno a disfarçar, digo de lugares onde andei, firmas nas quais trabalhei, cursos que fiz, pessoas a quem conheci,

entre elas elegendando, de improviso, em dimensão esperançosa de fábula, ou relato didático (cujo significado, espero, iremos descobrindo) a figura de um homem maduro, por volta dos 50 anos, pelo qual, me apresso a explicar, nada senti parecido com o amor, talvez sequer amizade, o que não impede esteja eu a recordá-lo, depois de tanto tempo sem o ver,

com certa admiração, e nem eu mesma sei a causa, quem sabe pela sua inépcia, pois vivia como alguém consciente de não ter nenhuma aptidão para a matemática? ou, não se tratando disto, seria, talvez, por sua tristeza? Que buscava sufocar em constantes idas ao bar, no qual comprava uma precária/sábia alegria, naqueles momentos sendo como se olhasse as coisas meio de fora e, ainda assim, muito de dentro,

e não me parecendo expressarem as frases o desejado, assim insisto e saliento seu toque teatral, era alguém que mentia sempre e, no entanto, suas mentiras possuíam mais verdade do que a verdade? nesse tom ele falava de seus amores (a mulher à qual ofereceu o sol nascendo entre os arcos da Lapa),

me adianto elucidando que interrompia de súbito suas palavras para sentar e escrever numerosos poemas, os quais, certamente, a poucos interessariam, por

não se tratarem propriamente de obras de arte, e contudo...

agora, desanimada, corto o fluxo da narrativa (penso: talvez fosse, simplesmente, um velho irresponsável, não amadureceu, a eterna criança, com uma inútil capacidade de sonhar — na moral da história residindo a minha condenação, cansada silêncio),

e impassível, ou até severo (“*nevermore*”) o rosto da amiga me reprova — perfeito *doublé* de mim mesma, há cinco anos, fantasma de um passado que me visita esta tarde, quem sabe pela última vez — requerendo de mim a sabedoria,

portanto me disponho ao supremo esforço, neste momento lhe digo: o mais nobre que tenho a oferecer, aquilo que, num Juízo Final, exibiria ao Criador, como justificativa para omissões tão graves (a arma que não empunhei contra a injustiça, o filho que não tive, o homem a quem não preendi, ou não consegui me prender, a falta de compaixão pelos mais próximos, no cumprimento do obstinado sacerdócio), são uns pequenos objetos que andei fabricando, em escassos momentos roubados à lida diária, enfrentando, também, a dificuldade nascida de meu íntimo, por não ser todos os dias que a mente/a mão trabalha,

atividade através da qual, humilde embora, procuro preservar, ainda que secreta, a liberdade buscada em minha fuga, pois também na cidade grande não me foi dado encontrá-la, esmagada se achando por armadilhas diferentes das que conhecíamos, seguramente mais insidiosas,

finalmente revelo as coisas pequenas que (incapaz de outra tarefa, por covarde ou desajeitada), sozinha, trancada, me pus a confeccionar: jóias de cobre? entalhes na madeira? pedrinhas montadas sobre pla-

cas? chapas de metal esmaltado? tiras de couro lavrado? tapetinhos de colorido bizarro?

arte menor, disto se trata, explico serem artefatos diminutos, raramente bonitos, ao contrário, feios e até ofensivos, para muitos desagradáveis, preferiria não mostrá-los, assim são feitos sem prazer, mas por inevitável necessidade, ignorando “objetivos superiores”, como outrora nos propúnhamos,

só reconheço encontrar em sua fabricação uma espécie de alívio, sendo o exercício onde se concretiza uma certa verdade, talvez pelo íntegro material de que se compõem — couro, madeira, pedra, metal — assim me agradando sentir estas coisas entre meus dedos, reorganizadas em entidades até então inexistentes, mas já com vida própria,

contudo, distraída, a face da amiga nega a compreensão e desmente a solenidade — tantos gestos de prolapado heroísmo e estou a falar em pequenos objetos de couro e madeira? Apenas me restando buscar o tom mais leve, volto a esgrimir as palavras, à espera da ação misericordiosa do tempo para consumir a tarde e nos separarmos,

conto, mais uma vez, de lugares onde estive, pessoas a quem encontrei: um homossexual engraçado/inteligente, um gordo lírico, aquele rapaz — uma criança — ao qual acabei amando,

e em inesperada animação o rosto da amiga se ilumina, ininterrupta me fala: que muitas conhecidas nossas, lá da cidade, viviam comentando as aventuras amorosas que eu devia estar vivendo, mas ela não alimentava tais mexericos,

não obstante expressa agora, ainda que sob forma velada, a curiosidade (móvel maior, quem sabe, mesmo inconsciente, de sua presença aqui, esta tarde), que traduzo: quer saber com quem faço o amor, se

freqüentemente, e como, assim, com a avidez nos olhos, emite a pergunta — conheço muitos homens interessantes?

mas me nego ao patrocínio, por ela silenciosamente pedido, para a liberdade que, clandestina, exerceria nesta sua rápida estada, e imediatamente elogio, à guisa de disfarce e em despedida, a perfeita elegância do traje da amiga — vestido, sapato, bolsa, tudo finíssimo,

no que, despreocupada, revela serem franceses e comprados em butique, embora frisando tratar-se de detalhes sem importância, ainda que esteja grata ao marido pela soma, esta sim, generosa, a ela entregue no momento da despedida, portanto me convida — não quero acompanhá-la em novas compras?

já que o dia escureceu, evito a resposta e, com o pretexto de uma visita inescapável, agora me levanto, mesmo sabendo que, decepcionada, irá queixar-se (frente à escuta complacente dos antigos amigos) por lhe haver dedicado apenas uma tarde, quando veio ao Rio somente para me ver — “quem, jamais, a compreenderá?” — adiantando, também, que ainda assim deu para observar a minha eterna, mansa loucura, pois falei em “pequenos objetos de couro e madeira”, apesar disso ela me aceitando, ao frisar que continuo “uma pessoa estimulante”,

deste modo e com divertimento/ternura/leve desprezo, me encaixará em classificação definitiva (qual inseto alfinetado em mostruário), com isto, e para sua tranqüilidade, eu tornada afinal inofensiva — mero objeto designado — mas como aí ainda reside uma forma de estima, eu não a recuso,

o que você fez, esta tarde, ao áspero legado — minha perplexidade ou a maldita sede? — por isso me afasto agora, a passos rápidos, sem um aceno ao vulto já distante da amiga (“*nevermore*”), enquanto inespere-

rado em minha mente se forma o pensamento, misto de reprovação mas, seguramente, de inveja: merda, ela trouxe mais de dez mil só para gastar com roupas!